

UMA LUZ AO LONGE

P. Pontes

Uma luz vejo ao longe

no monte azul da manhã.

É um sol ou uma estrêla ou uma lâmpada.

Não sei

Um facho de claridade que persigo

Menino, papagaio, jôgo de

finca, "négo-fugido"...

É um pote de ouro que se me mandei alcançar.

"— Menino, o quê você quer ser quando crescer?"

"— Feliz", respondi.

Há muitos anos dei uma resposta pronta a uma quase inquisição materna.

Há muitos anos passei a perseguidor de um sol ou de uma estrêla ou de uma lâmpada.

Vejo uma luz ao longe

por sôbre o ombro de meu pai.

Pode ser arrebol ou entardecer ou anoitecer.

Não sei

Vida ao meio-dia

Sento-me e, mãos ao queixo,

descanso de uma busca.

Namorada, noiva, futebol,

dança, mulheres ao cubo...

Pergunto-me se vale a pena procurar:

está tão longe a luz e eu tão cansado.

“— Rapaz, o que queres da vida?”

“— Tudo ou nada”, falei.

Há poucos anos discuti sôbre a relatividade do nada
Sôbre a inutilidade do tudo.

Há poucos anos mandei-se incisivamente continuar a busca.

Ao longe vejo uma luz,

firmando a vista, óculos encavalando
o nariz. Lusco-fusco.

Pode ser aviso ou armadilha.

Não sei

É tarde-noite de vida,

Sinto o claro-escuro se firmar

Abatendo-se sôbre mim.

Trabalho, família, poesia,
gravata, ideologia...

Levanto-me e sigo

É sina, é cruz, é desejo.

Sempre estêve, na vida de manhã,

Tão longe, ao alcance da mão.

na canícula, ao entardecer,

Luminosa, claro festejo.

Estou a andar

Até alcançar

Quando? Quando?

QUANDO?

março-66